

Canal Energia – 20/01/2012

Sustentabilidade: empresas em ação

Elétricas querem focar projetos em objetivos ligados às atividades-fim do setor

A sustentabilidade é tema recorrente na maior parte das empresas e não seria diferente com as concessionárias do setor elétrico. Utilizando o conceito do Triple Bottom Line ou o tripé da sustentabilidade, as companhias desenvolvem uma série de ações voltadas para a comunidade e meio ambiente nas regiões em que atuam, sem esquecer da própria sustentabilidade econômico-financeira da empresa. Atualmente, não há como uma companhia sobreviver sem realizar investimentos nessa área, até porque são pressionadas, se não pela sociedade, pelos seus stakeholders. As ações envolvem diversas áreas como cultural, educacional, esportiva, social e ambiental, entre outras. Mas o que as empresas de energia vem demonstrando é que, cada vez mais, querem realizar ações que dizem respeito ao seu negócio.

Dentro desse escopo, diversas atividades já estão sendo realizadas no sentido de melhorar a eficiência energética, com distribuição de cartilhas educativas e até troca de geladeiras e lâmpadas por outras mais eficientes em comunidades baixa renda. O investimento em energias renováveis também vem sendo visto como um fator de sustentabilidade, dado que essas fontes reduzem as emissões de gases do efeito estufa proveniente da geração de energia, contribuindo para uma economia de baixo carbono.

"Nós consideramos aqui na Cemig a sustentabilidade como sendo a tentativa de equilibrar as três dimensões: econômica, ambiental e social. Todo projeto para ser viável, sustentável, tem que ser um projeto que agrega valor, que tenha rentabilidade, trabalhe com ética e atenda aos clientes, ao mesmo tempo em que preserva o ambiente e tenha responsabilidade social", define Ricardo Prata, gerente de Responsabilidade Ambiental e Social da Cemig. Na CPFL Energia, a questão está nos princípios da empresa, que tem uma área voltada exclusivamente para pensar práticas e projetos interessantes para a companhia.

"Temos uma área na empresa que pensa nisso o tempo inteiro e recomenda práticas para a empresa. Daí até surgiu a criação da CPFL Renováveis, que é a empresa que concentra os investimentos dentro da área de energias renováveis", comenta o diretor de Engenharia da CPFL Energia, Paulo Ricardo Bombassaro. A Light foi outra companhia que comprou uma participação numa empresa de energias renováveis, como forma de aumentar sua sustentabilidade na área de geração. "Adquirimos uma participação na Renova Energia, empresa voltada para a construção de parques eólicos e PCHs, que geram energia limpa e contribuem para a sustentabilidade", apontou João Batista Zolini, diretor de Finanças e Relações com Investidores da Light. Para Marcos Freitas, professor de Planejamento Energético da Coppe/UFRJ, a sustentabilidade também passa pela forma de se gerar energia e como está sendo atendido o consumo. "Pode-se caminhar para um modelo positivo, com geração de energia renovável ou mesmo com biodiesel e geração a partir do lixo, ou para fontes que emitam toxinas que venham poluir a atmosfera. O lixo, por exemplo, é um problemão para as áreas urbanas e pode ter um destino sustentável", avaliou Freitas.

Pensando nisso, a CPFL Energia já está realizando um projeto de uma usina de resíduos, ou seja, que gera energia a partir do lixo urbano. O projeto, que segundo Bombassaro, recebeu investimentos de R\$ 20 milhões, deverá estar pronto até o final de 2013, quando se deve ter um protótipo da usina. "O motivo desse projeto é claro: a existência de lixo em excesso nas áreas urbanas. Essa seria uma forma de dar um destino final ao lixo e ainda gerar energia através da queima desses resíduos", contou o executivo. Segundo ele, ainda não se sabe onde a unidade será instalada. "Ainda precisamos fazer contatos com prefeituras ou empresas privadas que coletem lixo para definir o melhor local para instalar essa usina", completou o diretor.

Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil, avalia que não é possível gerar energia sem, necessariamente, gerar algum impacto do ponto de vista social, econômico e ambiental. Mas, o que precisa ser avaliado, ainda segundo ele, é se esses impactos estão sendo mitigados e se isso tem sido feito da melhor forma, promovendo ainda avanços tanto na área social quanto ambiental nos locais onde os empreendimentos são construídos. "Nesse caminho, obviamente com alguns percalços, o Brasil tem avançado. Especialmente no setor de geração e transmissão, existe um ambiente, que são os leilões, que estabelece uma competição, que resulta no menor custo possível da energia para o consumidor", comentou o executivo. No segmento de distribuição, ainda de acordo com **Sales**, após se estabelecer o regime de tarifas, o custo dessa atividade diminuiu bastante e a qualidade do serviço aumentou. "No período de 1998 a 2010, o preço da energia elétrica subiu menos do que a inflação. Mesmo considerando que os custos das atividades de geração e transmissão subiram um pouco mais, assim como os tributos e encargos, a atividade de distribuição tornou-se bem mais eficiente, fazendo com que o total do custo da energia subisse menos do que a inflação em paralelo com a melhoria da qualidade medida pelo DEC e FEC", analisou **Sales**, referindo-se à questão econômica.

A parte ligada ao meio ambiente e sociedade, segundo Sales, também evoluiu, "mesmo que essa evolução tenha sido conseguida de forma tortuosa e tenha sido muito custosa para os empreendimentos e para a sociedade brasileira", afirmou. Um exemplo dessa evolução, ainda de acordo com ele, pode ser verificada no importante avanço do país nos estudos de fauna e flora e também nos estudos arqueológicos, boa parte deles devido aos investimentos ambientais feitos pelos empreendimentos de geração de energia. Além disso, a criação de reservas e áreas de conservação espalhadas por todo o país, deve sua sustentabilidade econômica aos recursos gerados pelas hidrelétricas. "Esses são exemplos de avanços que o Brasil tornou possível em função de recursos alocados para mitigação de efeitos ambientais em torno dessas usinas", comentou.

Um estudo realizado em 2008 pelo Banco Mundial mostrou que, na média brasileira, pouco mais de 14% dos investimentos feitos na construção de uma hidrelétrica são dedicados aos projetos socioambientais. "Foram analisados 66 empreendimentos, que eles acompanharam do início até o fim da construção", comentou Sales. As fontes alternativas também estão ganhando espaço na matriz energética e contribuindo para a sustentabilidade do setor, que hoje é responsável por apenas 1,5% das emissões de carbono do país. Nos últimos leilões, a energia eólica dominou e vendeu energia a menos de R\$ 100/MWh, graças ao avanço tecnológico e a incentivos por parte do governo.

"Está havendo uma evolução tecnológica para entrada de fontes como a solar, eólica e um pouco de geração de resíduos, propiciando a geração distribuída. Esse tipo de geração traz efeitos positivos porque reduz o impacto na construção de redes e também as perdas da transmissão", afirmou Freitas, da Coppe/UFRJ. A energia solar vem sendo objeto de vários projetos das concessionárias de energia. A Cemig está com um projeto chamado Minerão Solar, pelo qual serão colocados no teto do estádio painéis fotovoltaicos para a geração de energia elétrica. Segundo Prata, da Cemig, quando a energia não estiver sendo utilizada no estádio, ela vai abastecer a vizinhança, sejam consumidores residenciais ou comerciais, pois os painéis estarão conectados ao Sistema Interligado Nacional.

Outro projeto realizado pela Cemig em parceria com a Cohab de Minas Gerais é o Conviver Solar. Pela iniciativa são implantados coletores solares para aquecimento de água em novas comunidades baixa renda. A tecnologia, de acordo com Prata, foi desenvolvida pela concessionária junto com universidades e centros de pesquisa. "Em cada residência, esse equipamento vai reduzir o consumo em torno de 30% a 40%", estimou.

A EDP no Brasil também tem um projeto para levar energia a uma comunidade isolada do Pará, utilizando a energia solar. O projeto, chamado Portable Light, levará energia a comunidades ribeirinhas do estado. "Kits sobre energia solar também estão sendo desenvolvidos e produzidos por uma empresa americana e em pouco tempo virão para o Brasil e serão distribuídos às comunidades", disse Pedro Sirgado, diretor executivo do Instituto EDP.

O Instituto, criado em 2007/2008, começou e ainda é financiado com a receita das vendas de créditos de carbono de projetos de energia renovável que a empresa tem no Brasil. "A receita é destinada exclusivamente para desenvolver projetos sociais e ambientais. Temos muitas ações e temos, principalmente, uma procura por inovar nas ações que fazemos", contou Sirgado. Segundo ele, a empresa quer cada vez mais que os projetos e iniciativas apoiados tenham a ver com o negócio da EDP. "Queremos que cada vez mais projetos tenham a ver com energia, que é o nosso negócio e o que sabemos fazer melhor", comentou. De acordo com ele, essa seria a responsabilidade social 3.0. "A 1.0 é aquela filantropia em que a empresa dá dinheiro para fazer qualquer causa e não acompanha.

A EDP não faz isso. Nós fazemos parcerias com as ONGs para implementar os projetos, doamos o dinheiro e acompanhamos a evolução do projeto. A 3.0 seria o passo seguinte, que é um movimento progressivo de responsabilidade social com o negócio. É fazermos o social da forma que sabemos fazer melhor. Somos uma empresa elétrica e, naturalmente, sabemos fazer melhor projetos que tem a ver com energia", destacou o executivo. Uma ação que vem sendo desenvolvida por várias distribuidoras de energia é a troca de geladeiras e lâmpadas em comunidades baixa renda por outras mais eficientes. Além da EDP no Brasil, a Light também vem realizando programas desse tipo em comunidades pacificadas no estado do Rio de Janeiro com famílias que tem o NIS - Número de Identificação Social. "Para se ter uma noção, uma geladeira antiga consome em média 75 kWh/mês e a gente troca por uma geladeira que consome 15,6 kWh/mês. A distribuidora já entrou em 12 comunidades, das cerca de 20 que já foram pacificadas no Rio de Janeiro. Romano explicou que toda vez que a Light chega em uma comunidade, ela refaz toda a rede elétrica, que normalmente, está numa

desordem elétrica terrível, com risco de acidentes, queima de aparelhos, entre outros perigos para a população. "A Light começa com a sustentabilidade na nova construção da rede. Botamos essa rede completamente no chão, nem os postes antigos, que eram de madeira proveniente de replantio de árvores, são utilizados. Hoje, os postes são poliméricos, feitos de materiais recicláveis, já pensando nessa questão da sustentabilidade", contou o gerente. As cruzetas, que ficam presas aos postes, ainda de acordo com Romano, também tem essa preocupação e são feitas de material reciclável, e o óleo dos transformadores também foi substituído por um óleo vegetal. Além disso, a distribuidora fluminense já instalou em duas comunidades - Dona Marta e Chapéu Mangueira - Babilônia, o projeto Light Recicla. "Mesmo nas comunidades pacificadas, existe um acúmulo de lixo muito grande e a Light, preocupada com isso, resolveu fazer esse projeto, que consiste em dar um bônus na conta de luz pela coleta de material reciclável", explicou. Segundo ele, cada material - jornal, garrafa pet, metal, ferro, por exemplo - tem um preço. O morador recolhe esse material e entrega nos Eco pontos criados pela companhia. "Esses clientes são cadastrados e, através desse material, que conduz a limpeza do morro, é dado um desconto na conta de energia. É um dos projetos que tem dado mais certo para a Light.

Tem gente hoje que não paga mais conta de luz", destacou Romano. O gerente disse ainda que em 2010 foram investidos R\$ 18 milhões na construção da rede em comunidades e em torno de R\$ 30 milhões com programas de troca de geladeira, lâmpadas e educativos. Em 2011, foram mais R\$ 35 milhões na rede e cerca de R\$ 10 milhões nos programas de eficiência energética. "Para esse ano estão previstos R\$ 55 milhões em investimentos no programa de eficiência energética, que consiste na troca de geladeiras e lâmpadas para famílias de baixa renda e mais R\$ 75 milhões para a construção de novas redes", calculou Romano. A verdade é que são muitos os projetos desenvolvidos pelas empresas de energia elétrica. Tanto que em 2012, 11 elétricas compõem o Índice de Sustentabilidade Empresarial - ISE -, divulgado pelo BM&F Bovespa. Além da Light, Cemig, EDP Energias do Brasil e CPFL Energia, compõem o índice a AES Tietê, AES Eletropaulo, Copel, Cesp, Coelce, Tractebel Energia e Eletrobras. Neste ano, os questionamentos também envolveram a dimensão das mudanças climáticas. Em dezembro passado, a Cemig lançou um documento em que lista suas 10 iniciativas para o Clima, assumindo um compromisso com as mudanças climáticas.

"Sustentabilidade é a sobrevivência da empresa. Se ela não souber adequar essas três dimensões [econômica, social e ambiental], no curto, médio prazo, tende a desaparecer, porque ela não vai se tornar mais lucrativa e também não vai ter mais licença social para operar. Então, é uma questão de sobrevivência e de estar mais integrada às necessidades de seus clientes e da sociedade. Os próprios empregados exigem esse tipo de ação e fazem questão de trabalhar em uma empresa que tenha responsabilidade social, que considere o meio ambiente e que seja uma boa empresa para se trabalhar", resume Ricardo Prata, da Cemig.